

## DISTOPIAS E EDUCAÇÃO – PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES DO LIVRO *QUESTÃO DE CLASSE* DE CHRISTINA DALCHER

Janiely Ferreira Lopes <sup>1</sup>  
André Augusto Diniz Lira <sup>2</sup>

### RESUMO

Distopias são o oposto das utopias, utilizadas como conceitos de lugares não ideais e opressivos. Este artigo analisa a obra *Questão de Classe* de Christina Dalcher, uma narrativa distópica sobre um modelo de ensino que baseado exclusivamente na suposta capacidade do aluno, através de um fator agregador, o número Q, que determina a sua capacidade e o seu futuro. Assim, lançamos mão, de modo seletivo, de um modelo interpretativo (LIRA, 2020) que conjuga a análise literária, na perspectiva da análise textual discursiva, à análise social, considerando uma abordagem descritiva e interpretativa da obra analisada. A distopia apresentada demonstra uma disparidade gritante das realidades de ensino de alunos com números Q's maiores daqueles com números menores. Realidade que a autora expande, dentro da obra, para um desejo eugenista de controle e esterilização da população não ideal ou inferior, conceito bem parecido ao defendido pelo movimento nazista. As distopias começam a demonstrar sua relevância ao realizar uma crítica a sociedade, em especial aos conceitos e pensamentos elitistas e de segregação social. Assim, as obras distópicas destacam-se como ferramentas de fomento ao debate e a discussão, em especial em cenários sócio-políticos controversos, com muitos pensamentos elitistas, como é o caso do cenário nacional. Por fim, as obras distópicas podem e devem ser utilizadas no meio educacional como ferramenta de fomento e incentivo ao debate e pensamento crítico pois, além de demonstrar possíveis realidades perigosas para o desenvolvimento social, podem relatar e apresentar aspectos e pontos sociais interessantes e relevantes para o debate.

**Palavras-chave:** Distopia. Literatura. Educação. Sociedade.

### INTRODUÇÃO<sup>3</sup>

A palavra distopia, originária da junção das palavras grega *dys*, que significa algo como “mal” ou “ruim” com o *topos* – “lugar”, sendo considerada como a definição do conceito filosófico oposto as utopias, que são conceitos destinados a definir lugares ideais; assim, as distopias, são consideradas como um conceito para definir um lugar oposto ao ideal (ARAÚJO,

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG; Bolsista no grupo PET-Pedagogia da UFCG. E-mail: janiely.ferreira.lopes@gmail.com;

<sup>2</sup> Professor Orientador. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Professor da Unidade Acadêmica de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação da UFCG. Tutor do grupo PET Pedagogia da UFCG. E-mail: andreaugustoufcg@gmail.com

<sup>3</sup> Este trabalho faz parte de um projeto de pesquisa mais amplo intitulado “Conceitos educacionais e suas representações em movimento: história conceitual, campos sociais e docência”.

2014). Esses conceitos surgem, em especial, na proposição de sociedades imaginadas no futuro, sendo assim, não reais. Porém, tanto as utopias quanto as distopias tem um papel interessante para o desenvolvimento da sociedade, uma vez que as utopias demonstram um ambiente considerado “ideal” e já as distopias um lugar oposto a esse ideal, é comum que estes conceitos sejam utilizados como possíveis diretrizes e preceitos que guiam as sociedades para um “objetivo melhor”, no caso das utopias, como que evitam que as sociedades acabam migrando para direções “ruins”, como no caso das distopias (MAZETTO, 2018; HEER, 2021).

O papel das distopias e utopias é essencial para o norteamento da sociedade e também como destaque para situações “melhores” ou “piores” nas quais a sociedade poderia se encontrar. Com isso, as obras literárias que se enquadram no gênero distopia, subgênero literário da ficção científica, se debruçam sobre a compreensão de sociedades ficcionais futurísticas que são comandadas por regimes repressivos e/ou autoritários que legitimam a estratificação das camadas sociais e perda de direitos fundamentais, o centro do poder se encontra na mão de poucos que ditam todos os aspectos da vida de cada sujeito.

Esse cenário opressor, apesar de se caracterizar como uma projeção, possui confluências com a atualidade, pois possibilitam a reflexão sobre a nossa realidade nos mais diferentes campos da vida cotidiana, principalmente em um momento pandêmico e de instabilidade política, econômica e social na qual estamos imersos no Brasil. Obras clássicas como “1984” de Orwell (2009) e “Admirável Mundo Novo” de Aldous Huxley (2014) buscam, em suas narrativas, apresentar aos leitores os desdobramentos de um regime autoritário, em uma perspectiva macro da sociedade, enfatizando as relações de poder horizontal e os mecanismos de repressão. Porém, livros como “O Conto da Aia” da escritora canadense Margaret Atwood (2017) e “VOX” da professora Christina Dalcher (2018) têm seu nicho de discussão voltado para a mulher na sociedade distópica e sua perda de direitos constitucionais, forçando-as ao papel subserviente, devido ao modelo sociedade patriarcal e machista, que as silencia impedindo que cheguem em cargos de poder e alcancem ascensão social.

Neste artigo, analisamos a obra “Questão de Classe” de Christina Dalcher, que, por sua narrativa, contribui para uma análise crítica de uma sociedade elitista e classista, cujos desdobramentos desse sistema afeta diretamente a forma como a educação acontece neste mundo, assegurando a manutenção do *status quo*.

As justificativas que afirmam essa lógica violenta e desigual se dão no contexto de perdas de direitos constitucionais, econômicos, sociais e humanos. A presença da banalização da morte, da violência e da opressão garante a poucos o controle dos muitos, imersos em uma

desesperança constante. Nesse contexto, o livro de Dalcher aborda essa opressão e controle social empregado pela elite com base na segregação do acesso à educação, separando os indivíduos com base em um suposto conceito de meritocracia, baseado na suposta capacidade individual dos alunos, desconsiderando todos os demais aspectos que levam ao desempenho “bom” ou “ruim” dos alunos dentro da realidade escolar. Por isso, procuramos, neste artigo, considerar como o contexto do livro *Questão de Classe* se vincula ao contexto de distopias já apresentadas e como se dá essa extrapolação crítica para a sociedade atual, na qual há um contexto direto para a meritocracia e uma política diretamente direcionada para a precarização do ensino público.

Do ponto de vista teórico, situamo-nos no entrecruzamento de uma leitura da literatura, mais vinculada a uma análise textual-discursiva e uma sociologia educacional crítica. Essa perspectiva tem sido trabalhada a partir de um modelo interpretativo que o segundo autor deste trabalho tem trabalhado em vários trabalhos (cf. LIRA; PASSEGGI, 2020). A análise textual discursiva é uma abordagem que leva consideração o texto de um modo mais empírico considerando-se vários elementos possíveis como as representações discursivas, os planos do texto, o uso do léxico, a genericidade (ADAM, 2008; ADAM; HEIDMANN, 2011). Este artigo é uma aproximação a essa abordagem mais ampla. Em relação à sociologia educacional crítica consideramos que a literatura oferece um rico percurso que tanto espelha a sociedade quanto, ao mesmo tempo, pretende forjá-la por meio da linguagem.

## **METODOLOGIA**

A primeira etapa do desenvolvimento deste trabalho consistiu em várias leituras da obra *Questão de Classe* (2020) de Christina Dalcher, até que chegássemos a uma impregnação do conteúdo, considerando-se mais questões de ordem social e educacional. Disso resultou a criação de um mapa procurando considerar as principais linhas narrativas, os lugares dos personagens na trama e as principais representações discursivas.

Disso resultou uma progressiva análise interpretativa do texto, identificando os principais pontos propostos, como estes se enquadram no gênero distópico e como a narrativa se caracteriza. Em seguida, realizou-se a comparação da obra com outros autores do gênero, bem como aspectos da realidade que possam ser observados na mesma.

Neste artigo, iremos considerar uma descrição do livro analisado e, a seguir, apresentamos uma análise de cunho mais interpretativo. Em todos os momentos, a tentativa

foi aproximar a literatura, a análise social e educacional. Essa abordagem não se centra nos elementos estéticos do texto como se poderia supor em uma análise literária, mas atenta para a obra literária como uma construção interessada, como uma proposta de leitura e de transformação do mundo, ainda que no caso em tela seja mediado por uma distopia.

## RESULTADOS

### **Análise descritiva: abordagem sintetizadora**

Em um mundo onde é preciso ser perfeito, como você se sairia? A obra literária distópica “Questão de Classe”(2020), da linguista e professora Christina Dalcher, salta aos olhos de quem lê, pois se aprofunda nos desdobramentos de um sistema educativo pautado pelo culto à perfeição, competitividade e individualismo. Nesse cenário de tramas distópicas, Dalcher, também autora de VOX, publicado em 2018, utiliza o recurso de apresentar os desdobramentos da história através de uma personagem principal feminina que problematiza o que está estabelecido e aceito socialmente. Em VOX(2018) a autora volta sua narrativa para o debate sobre a perda dos direitos das mulheres na sociedade, as impedindo de trabalhar, ler, escrever e até mesmo falar, reduzindo sua capacidade de fala a apenas 100 palavras diárias, respaldados devido política ultraconservadora amparada em questões religiosas, aspectos similares a obra que objetivamos analisar com este trabalho.

Durante a narrativa de “Questão de Classe”, acompanhamos a história por meio da perspectiva de Elena Fischer Fairchild, professora de biologia e anatomia da Escola Prata Davenport, mãe de Anne e Freddie e esposa de Malcolm, subsecretário do Departamento de Educação. Desse modo, a trama se desenrola no seio familiar envolto a sdivergêncis de opiniões entre Elena e Malcolm sobre a educação de suas filhas dentro da realidade do modelo de ensino deste cenário, que é baseado no número Q, número este que é um suposto coeficiente de inteligência, que leva em consideração supostamente apenas o desempenho escolar dos indivíduos.

Na trama, as crianças fazem provas e são testadas semanalmente, esses momentos são pontuados pela latente tensão e preocupação com os resultados, pois a cada recirculação dos número Q, existe a possibilidade de ser rebaixado para uma escola verde ou amarela aumenta. Vale salientar, que nesse cálculo questões como falta as aulas, problemas familiares ou

qualquer situação de venha a retirar o foco dos estudos, possui influência direta no número Q das crianças em idade escolar.

O ponto de virada da narrativa ocorre quando a filha mais nova, Freddie, não vai bem em suas provas, e seu número Q cai drasticamente. Tal situação a força a mudar para uma escola de classificação amarela longe de seus pais e irmã, com uma realidade bem restritiva que se assemelha à uma prisão. As visitas na escola federal nº 46 ocorrem uma vez a cada trimestre durante cinco horas, nessas escolas qualquer tipo de comunicação é interceptada, dispositivos eletrônicos, wi-fi e qualquer método de comunicação com o mundo exterior é irrevogavelmente proibido.

O Departamento de Educação possui os pilares de inteligência, perfeição e sabedoria, parâmetros que são definidos por um grupo restrito de pessoas, e por isso divide as escolas por cores, sendo assim existem as escolas pratas, verdes e amarelas, essa classificação e encaminhamento das crianças ocorre pelos resultados dos números Q, um coeficiente numérico, ou seja, um quantificador que todos em idade escolar e de trabalho possuem, o seu resultado é recalculado mensalmente e classifica em uma escala hierárquica todos os sujeitos.

Vale salientar que para o resultado final do número Q uma série de fatores são, levados em consideração, as notas escolares, registros de comparecimento e participação, também aspectos do núcleo familiar são calculados, a formação e rendimento dos pais, rendimento dos irmãos, e se é cidadão estadunidense resultando em um sistema de camadas que permite o acesso a poucos e restringem a muitos. Desse modo, as escolas amarelas ficaram nas áreas agrícolas do Kansas e as crianças não poderiam voltar para a casa todas as noites, não são equipadas com laboratórios de ponta e nem possui professores qualificados para lecionar.

Nesse sistema o espaço para a pluralidade é enfaticamente negado, os números Q superam os sujeitos, o coeficiente passa a representá-los e classificá-los socialmente. A protagonista revoltada com o sistema e questionando este modelo de ensino, decide se arriscar e se candidata para trabalhar como professora na escola que sua filha estava, deixando para trás, marido, filha e o emprego dos sonhos em uma escola prateada. A partir desse ponto, podemos ter a noção de como se configura uma escola amarela pelos olhos de Elena, os prédios são descritos como velhos e cheios de rachaduras, aparentando descuido e má conservação, além disso, existe também o sentimento de descontentamento pairando no ar entre professores e diretores.

A semelhança da escola federal nº 46 com uma penitenciária em sua estrutura arquitetônica e nas rotinas é evidenciado por meio de janelas com grades, uniformes, revistas

periódicas nos pertences, horários extremamente rígidos, toque de recolher e separação por gênero nos dormitórios, aquele espaço é destinado aos sujeitos que não são perfeitos segundo as orientações do sistema escolar.

Durante a estadia de Elena na escola, surge a oportunidade de estudar mais atentamente os trâmites do sistema internamente e os próximos passos do Departamento de Educação. Suas ações se voltam para a contenção do crescimento populacional impedindo a concepção de crianças, através de procedimentos cirúrgicos irreversíveis em mulheres férteis que tenham de 13 a 55 anos de idade com Q abaixo do padrão, que não sejam estadunidenses e/ou que possuem anomalias congênitas ou sociais.

Assim, o objetivo do Comitê de Seção de Eugenia da Associação Americana de Reprodução é o melhoramento genético dos sujeitos, através da alteração da transmissão das características do pai ou da mãe para o feto manipulando os padrões genéticos por meio de uma seleção de pessoas as quais são permitidas a reprodução. Logo, essa perspectiva eugênica do melhoramento de seres humanos segundo suas características hereditárias a fim de se livrar das "maçãs podres" ou seja, aqueles que possuem o número Q inferior a 9, as minorias sociais, pessoas com deficiência, imigrantes e integrantes da população LGBTQIA+, em prol da criação de um grupo seletivo e uniforme, com a promessa que as doenças, a competição, desigualdade social ou qualquer mazela social poderia ser superada, se assemelha diretamente com o proposto pela ideologia nazista.

Por fim, o livro se encaminha para a conclusão da jornada de Elena com uma ação ousada da sua parte, ela passa a tentar compilar informações sobre esse programa do Departamento de Educação, a fim de denunciar os objetivos eugênicos para a imprensa de modo que essas práticas chegassem ao público e, só assim, fossem interrompidas. Desse modo, a professora tem como objetivo o ideal de revelar as implicações do procedimento médico que pretende eliminar o plasma germinativo defeituoso da população humana. Ela consegue reunir provas e as encaminha para que jornalistas possam denunciar o escândalo em questão. Entretanto, sua filha mais nova continua estudando na escola federal amarela, a protagonista busca então formas de retirá-la de lá.

Neste intuito, de retirar sua filha Freddie da escola federal amarela, a protagonista aceita ser cobaia do procedimento, que por sua vez ocasiona em complicações pós cirúrgicas que afetam sua saúde, levando até a sua internação. Durante o tempo de sua internação da personagem principal, a autora utilizou-se de manchetes dos jornais The Washington Post, CNN, Forbes e The New York Times e declarações nas redes sociais como um recurso para

demonstrar que os jornalistas tiveram sucesso em expor as práticas do Departamento de Educação.

Com isso, a autora apresenta o efeito em cadeia que a denúncia causou, promovendo a necessidade da volta das crianças junto a suas famílias e a demolição das escolas federais, também é apresentado as implicações para a secretária de educação Madeleine Sinclair e seu subsecretário e ex marido de Elena, Malcolm, que foram presos.

Entretanto, as complicações no procedimento sofrido por Elena a levam para um cenário onde ela provavelmente irá falecer. Assim, em seu leito de morte, enquanto estava acamada na casa de seus pais, a narrativa volta-se para a relação com suas filhas e o início de um novo tipo de escola que nega os pressupostos dos números Q. Apesar da morte próxima a qual a protagonista é colocada, a narrativa enfatiza a liberdade que suas filhas possuem, elas não precisam ser perfeitas e podem fazer coisas comuns a suas idades, podem namorar, ter dúvidas sobre o futuro e serem livres para decidir o que desejam seguir.

Por fim, nas notas finais a autora direciona uma mensagem para leitor, pontua que o objetivo da história é perturbar os leitores pois apesar de ser uma obra ficcional e ter personagens que são frutos de sua imaginação, possui acontecimentos históricos verdadeiros. Desse modo, a autora denuncia que o movimento eugênico americano que esterilizou homens e mulheres à força em instituições criadas pelo estado para os supostos “deficientes mentais”, muitos deles ainda em sua infância. Por isso, o fato desse cenário não aparece nos livros didáticos de história, esse apagamento encorajou a autora a escrever a obra, que por sua vez incentiva os leitores a buscarem mais sobre esse momento da história que rotulou e maltratou dezenas de indivíduos.

### **Análise interpretativa**

Como visto, o livro *Questão de Classe* aborda, de forma distópica, problemas relacionados a segregação de indivíduos com base na sua classe social, este tipo de obra e aplicação do gênero das distopias é bastante válido como crítica da sociedade, como explica Hilário (2013):

As distopias problematizam os danos prováveis caso determinadas tendências do presente vençam. É por isso que elas enfatizam os processos de indiferenciação subjetiva, massificação cultural, vigilância total dos indivíduos, controle da subjetividade a partir de dispositivos de saber etc. A narrativa distópica é antiautoritária, insubmissa e radicalmente crítica.

Assim, as distopias tem um papel fundamental de apresentar uma visão crítica sobre um possível rumo que a sociedade poderia tomar em determinadas circunstâncias, muitas vezes inspiradas em questões e problemas que já existem ou já existiram na sociedade (HILÁRIO, 2013). Isso se demonstra em processos de indiferenciação subjetiva, massificação cultural, vigilância dos indivíduos, exclusão de direitos, etc. E é possível identificar ambas as questões dentro da obra de Christina Dalcher, tanto a sua relação com algo já existente, que é traçado pela própria autora com a relação com os abusos cometidos em manicômios e “casas de tratamento” para pessoas com problemas mentais.

Além disso, a obra também tem algumas semelhanças com outros acontecimentos históricos, como o regime nazista, que aplicou segregação de pessoas de classes sociais inferiores, etnias diferentes, pessoas consideradas inferiores etc. Semelhanças notáveis com a filosofia nazista, que pregava pela raça “ariana”, uma raça supostamente pura e superior (SCAPINO, 2015). Algo bem parecido com o que o Departamento de Educação busca fazer na obra de Christina Dalcher.

Estes conceitos são aplicados, dentro da obra analisada, diretamente sobre a realidade do ensino da sala de aula, com o intuito de separar e segregar as pessoas desde sua base de ensino, mantendo assim a segregação de classes e evitando a ascensão de pessoas que sejam julgadas como inferiores ou incapazes dentro da lógica da elite dominante. Esse pensamento é contrário ao defendido por Paulo Freire, que defendia que a educação era capaz de fornecer mais clareza as pessoas para que essas fossem capazes de compreender o mundo e terem capacidade de realizar intervenções políticas e que, por tal motivo, era essencial que as camadas mais pobres tivessem acesso a educação (FREIRE, 2020).

Além disso a obra de Dalcher também tem relevância e semelhanças com o cenário mundial, uma vez que tivemos o avanço significativo de movimentos políticos e o crescimento pensamentos de extrema direita na sociedade, em especial no Brasil, essas semelhanças podem ser identificadas no pensamento segregatório e nas ações e comportamentos tanto dos órgãos do governo, quanto de algumas parcelas da população.

Estes pensamentos estão representados em manifestações como os gritos de “chega de doutrina marxista, basta de Paulo Freire” (SOUSA; MARTINS, 2021); também em movimentos como a Escola sem Partido, que prega a retirada de “ideologias de esquerda” de dentro das escolas (NAGIB, 2020). Conceitos esses que estão presentes também nas falas do atual Presidente do Brasil (BRAGON, 2018).



Esse tipo de pensamento, defendido e replicado por alguém de tanta importância do cenário político, demonstra a importância de obras distópicas como *Questão de Classe*, que abordam justamente aspectos e cenários que são úteis como possíveis cenários caso determinadas tendências e comportamentos se mantenham. Nesse aspecto, a obra se mostra como uma excelente opção de literatura para debate sobre cenários distópicos dentro da educação, ainda mais em cenários com tendências políticas e sociais que possam se assemelhar tanto a estes cenários distópicos.

Além disso, o sistema escolar imaginado na obra *Questão de Classe* se assemelha em muitos aspectos ao sistema escolar nacional, com uma escola fria, focada em reproduzir conceitos nos quais os alunos não são incentivados a trabalhar sua individualidade e, muitas vezes, são reduzidos à apenas seu desempenho escolar, sendo avaliados diretamente como capazes e incapazes num sistema de ensino que é comparável a um rolo compressor que espreme os alunos de modo a obrigá-los a ter determinado desempenho, comportamento, padrão, etc.

Apesar de não tão intensa como na obra estudada, a segregação e as diferenças de ensino entre as escolas “comuns”, em sua maioria pública, e as escolas da “elite”, em sua maioria privadas, são bem comparáveis e nesta comparação mora a relevância desta obra de distopia, em especial com o cenário sócio-político nacional cada vez mais dividido e com cada vez mais pensamentos elitistas e segregatórios de uma parte da população que acaba se vendo representada no próprio Presidente do País (BRAGON, 2018).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como verificado, as obras de distopias têm papéis importantes na compreensão de rumos extremos que a sociedade pode tomar em situações na qual tome conta da sociedade o pensamento de cunho elitista, segregatório, intolerante, etc. Neste aspecto, as obras distópicas são material essencial de ensino, podendo ter sua utilização diretamente relacionada com o fomento de debates e discussões dentro do ambiente acadêmico e escolar sobre os aspectos sociais extremos e segregatórios que podem acarretar naquela distopia estudada (HILÁRIO, 2013).

Além disso, obras de distopias também servem como ferramenta de contextualização de cenários e acontecimentos históricos marcantes, demonstrando de forma mais palpável seu impacto social e apresentando seus perigos de formas extremas e diretas, que podem ser

aplicadas diretamente dentro da didática de ensino de algumas matérias escolares, fomentando o debate e criticidade dos alunos (HILÁRIO, 2013; DÄHNE, 2021).

O cenário nacional se encontra num momento crítico, onde há um embate de pensamentos e posturas que se acirra a cada dia. Este cenário pode, a depender da evolução dos pensamentos elitistas e segregadores e do desenvolver das posturas governamentais, migrar para um cenário assemelhado ao da obra analisada e, nesta perspectiva e em perspectivas parecidas, as obras distópicas podem ter um papel conscientizador dentro da sala de aula, demonstrando para os estudantes os perigos de caminhos que possam ser segregatórios e a importância do ensino como ferramenta transformadora de realidades, como defendido por Freire (2020).

Definido isto, é importante ressaltar que as distopias devem servir a um papel social de crítica ou análise da sociedade, atuando como ferramenta de observação e compreensão da sociedade ao mesmo tempo como um possível retrato de um futuro no qual o desenvolvimento se dê em torno de um pensamento elitista e segregador, até mesmo ditatorial. Por isso que as obras distópicas são diretamente classificadas como narrativas antiautoritárias, insubmissas e radicalmente críticas (HILÁRIO, 2013).

Por fim, dentro dos conceitos abordados, a obra *Questão de Classe* de Christina Dalcher cumpre seu papel como uma narrativa antiautoritária, insubmissa e crítica a uma parcela da sociedade e a um determinado pensamento elitista, segregador e eugenista que atuou sobre os indivíduos tido como pessoas com “problemas mentais” nos Estados Unidos. Contudo, para além disso, sua obra pode ser vista como uma crítica a uma sociedade elitista e classista como um todo, com o intuito de demonstrar como tais pensamentos, muitas vezes reproduzidos parcialmente por governantes e pessoas influentes, podem ser perigosos e, numa comparação direta, podem levar a situações extremas e destrutivas para a sociedade.

A obra se junta ao hall de outras distopias que podem ser utilizadas com o intuito de fomentar o debate e atuar como ferramenta crítica para o debate social. Além de possibilitar leituras dos possíveis problemas em modelos de ensino voltados apenas para a avaliação estandardizada, descartando a individualidade do aluno e forçando que este se adapte ao modelo focado na avaliação quantitativa do ensino, de modo semelhante ao apresentado na obra analisada.

Espera-se, por desfecho, que o presente artigo sirva como base para o incremento do debate e da apreciação de obras distópicas dentro do ambiente escolar e universitário, bem como apresentação deste gênero literário como ferramenta de estudo.

## REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michel. **A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos.** – 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ADAM, J-M., HEIDMANN, U. **O texto literário: por uma abordagem interdisciplinar.** São Paulo: Cortez, 2011.

ARAÚJO, M. J. F. Distopia. **Rev. InfoEscola.** 2014. Disponível em: <https://www.infoescola.com/filosofia/distopia/>. Acesso em 15 de jun de 2022.

BRAGON, R. **Bolsonaro defendeu esterilização de pobres para combater miséria e crime.** Folha de S. Paulo. jun. 2018. Disponível em: [https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/06/bolsonaro-defendeu-esterilizacao-de-pobres-para-combater-miseria-e-crime.shtml?aff\\_source=56d95533a8284936a374e3a6da3d7996#\\_=\\_](https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/06/bolsonaro-defendeu-esterilizacao-de-pobres-para-combater-miseria-e-crime.shtml?aff_source=56d95533a8284936a374e3a6da3d7996#_=_). Acesso em 20 de jun de 2022.

DÄHNE, C. **Distopias e o Ensino de História. Nas Tramas de Clio.** Blog Digital. abr. 2021. Disponível em: <https://nastramasdeclio.com.br/historia/distopias-e-o-ensino-de-historia/>. Acesso em 20 de jun de 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis.** 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

HEER, J. **Utopia e distopia.** A terra é redonda, jul. 2021. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/utopia-e-distopia/>. Acesso em 16 de jun de 2022.

HILÁRIO, L. C. Teoria crítica e literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. **Anu. Lit.**, Florianópolis, v.18, n. 2, p. 201-215, 2013.

LIRA, A. A. D.; PASSEGGI, L. **De aluno relapso a pensador transgressor: representações discursivas identitárias em Lêdo Ivo.** 1. ed. Campina Grande: EDUFCEG, 2020.

MAZETTO, M. **Utopia - O que é? Para que serve? Explicações e Exemplos.** Blog Gestão Educacional, dez. 2018. Disponível em: <https://www.gestaoeducacional.com.br/utopia-o-que-e/>. Acesso em 16 de jun de 2022.

NAGIB, M. **Conheça o Movimento Escola sem Partido.** Blog Digital. 2019. Disponível em: <http://escolasempartido.org/programa-escola-sem-partido/>. Acesso em 19 de jun de 2022.

SCAPINO, J. Nietzsche, o filósofo da Alemanha nazista. Diário de Notícias, Rio de Janeiro. out de 1945. Republicado no: *Cad. Nietzsche*, São Paulo, v.36 n.1, p. 219-224, 2015.

SOUSA, C. C.; MARTINS, F. A. S. Indignação, amor e esperança em Paulo Freire. *Rev. Docência Ens. Sup.*, Belo Horizonte, v. 11, e035749, 2021.